

A Alegoria da caverna de Platão como instrumento de introdução da filosofia para estudantes do Ensino Médio

Plato's *Allegory of the cave* as na introduction to Philosophy forem high school students

**Alessandra Honorato Benfica Franco¹
Pablo Enrique Abraham Zunino²**

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo apresentar a *Alegoria da Caverna de Platão* como uma introdução à Filosofia para estudantes do ensino médio. O texto está no capítulo VII da obra *A República* de Platão. O estudo considera importante trabalhar nesta questão, pois o diálogo platônico estimula a curiosidade natural dos estudantes do ensino médio no processo de ensino da Filosofia, permitindo que eles pensem de forma mais crítica e adquiram conhecimentos e atitudes que servirão para seu próprio desenvolvimento na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: *Alegoria da Caverna*; Platão; Diálogo; Conhecimento.

¹ Especialista em Filosofia, Conhecimento e Educação pelo Centro de Formação de professores (CFP) da UFRB/BA. E-mail: ahbfranco@aluno.ufrb.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-7784-3749>.

² Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP, professor adjunto do Centro de Formação de professores da UFRB/BA. E-mail: pablo@ufrb.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-1175-265X>

ABSTRACT:

The text talks about *Plato's Allegory of the Cave* as an introduction to Philosophy for high school students. The text is in chapter VII of Plato's work *The Republic*. The study considers it important to work on this issue because Plato's dialogue stimulates the natural curiosity of high school students in the process of teaching Philosophy, allowing them to think more critically and acquire knowledge and attitudes that will serve their own development in society.

KEYWORDS: *Allegory of theCave*; Plato; Dialogue; Knowledge.

Introdução

Platão é conhecido por suas obras filosóficas de influência incomparável. Algumas de suas obras mais famosas incluem *A República*, que detalha uma sociedade sábia governada por um filósofo; *Apologia*, que foi escrita após a morte de Sócrates em 399 a.C.; *Crítion*, um diálogo relacionado ao julgamento e morte de Sócrates; *Fédon*, uma descrição de Sócrates em seus últimos dias em uma cela sozinho; e *O Banquete*, uma filosofia platônica do amor.

O livro VII da obra *A República*, de Platão, narra uma história que se tornou célebre com o nome de *Alegoria da caverna*. *A Alegoria da Caverna* é uma metáfora que ilustra a busca pelo conhecimento e a importância da educação para a formação do indivíduo. A história é contada por Sócrates e tem como objetivo mostrar que o conhecimento da verdade é impossível, uma vez que os homens estão presos nas sombras desde a infância e jamais poderão se libertar.

Nas redes de ensino médio, os educadores abordam os temas por meio de diálogos para compreensão de seus educandos, para que eles possam refletir sobre a importância de textos reflexivos. Principalmente nas obras clássicas de filosofia, novas leituras devem ser realizadas, pois elas fornecem tanto diagnósticos críticos quanto propiciam práticas transformadoras. Essas leituras devem ser integradas em discussões atuais para que os educandos compreendam a importância de estudá-las.

O *Alegoria da Caverna* de Platão é um texto filosófico que sintetiza o dualismo platônico e é uma das histórias mais conhecidas da humanidade. Deve-se refletir com os estudantes sobre a diferença entre mito e alegoria, sabendo que a alegoria é pontual, precisa, específica e utilizada em uma circunstância específica para um fim específico, como algo próximo da metáfora. Diferentemente, o mito é de contexto universal, sendo amplo e generalizado.

No entanto, podemos encontrar algumas reflexões ao uso da Alegoria como metodologia de ensino, sendo ressaltada por vários autores, tais como: Tiago Lara (1989), Rogue (2005) e Pierre Hadot (2008). Assim sendo, é necessário investigar as variadas particularidades que este estudo nos oferece. Nesse argumento, é importante compreender a qualidade da busca da filosofia, ou melhor, do conhecimento, tornando-se favorável ao ensino refletirmos sobre a história alegórica da caverna na obra *A República*, de Platão. Com efeito, surge a seguinte indagação: Como a *Alegoria da Caverna de Platão* pode ser um instrumento de introdução significativa da Filosofia para os estudantes?

Mediante o exposto, essa investigação procura mostrar como a *Alegoria da Caverna* (metáfora), que sintetiza o dualismo platônico, e sendo a alegoria uma figura de linguagem que consiste em uma narrativa que apresenta um sentido figurado. É importante expor a diferença entre mito e alegoria, pois o mito narra aquilo que apresenta um sentido literal e simbólico, enquanto a alegoria narra aquilo que apresenta apenas um sentido simbólico.

Dispondo-se à metodologia platônica por intermédio do diálogo, um tema central na filosofia de Platão, ao qual ele considera que apenas através do diálogo o filósofo deve procurar atingir o verdadeiro conhecimento, partindo do mundo sensível e chegando ao mundo das ideias, tomaremos a obra *A República* como um exemplo de diálogo platônico. Como orientação para o desenvolvimento do processo educacional, a investigação servir-se-á de uma pesquisa bibliográfica, com base em textos e autores acerca do ensino. Para atingir esse objetivo, é possível despertar a curiosidade natural com efeito de impulsionar o pensar reflexivo para tornar as aulas mais agradáveis e significativas do componente curricular de filosofia, e incentivar os alunos a desenvolver o processo de criticidade.

A pesquisa está dividida em 03 seções. Além desta introdução, apresentamos a primeira seção, que buscará apresentar do mito de sentido literal e simbólico a *Alegoria da Caverna* no sentido simbólico. Na segunda seção refletiremos sobre a importância do método dialético como forma de diálogo, e na terceira seção dos temas, problemas e conceitos introdutórios em Filosofia. Afinal, por que Platão? Porque ele faz parte do conhecimento filosófico e teórico, seus textos são de fácil e difícil compreensão. Mesmo nem sempre sendo fácil ler Platão, suas leituras são essenciais para entender a filosofia na antiguidade até a filosofia contemporânea. Sua filosofia não se encontra nos problemas que ele investiga, e sim em como se faz para pensar nesses problemas.

Platão e a Educação: uma reflexão contemporânea

Platão foi um filósofo grego antigo e aluno de Sócrates. Ele foi o fundador da Academia em Atenas e é mais conhecido por suas obras filosóficas de influência incomparável. Platão introduziu a ideia de que os erros cometidos por aqueles considerados especialistas em questões éticas se deviam ao fato de não estarem se envolvendo adequadamente com uma classe de entidades que ele chamou de formas, cujos principais exemplos eram Justiça, Beleza e

Igualdade. Ele imaginou um tratamento sistemático e racional das formas e suas inter-relações, começando com a mais fundamental entre elas (o Bem ou o Mal). Em ética e psicologia moral, ele desenvolveu a visão de que a vida boa requer não apenas um certo tipo de conhecimento (como Sócrates havia sugerido), mas também habituação a respostas emocionais saudáveis e, portanto, harmonia entre as três partes da alma (segundo Platão, razão, espírito e apetite). Para Platão, dialética era sinônimo de filosofia. Era o método mais eficaz para abordar ideias particulares e ideias universais ou puras. Ele aprendeu essa técnica de perguntar, responder e refutar com Sócrates (470 a.C. - 399 a.C.). Platão acreditava que apenas através do diálogo um filósofo poderia buscar o verdadeiro conhecimento, partindo do mundo sensível e chegando ao mundo das ideias. Ao decompor e investigar racionalmente um conceito, chega-se a uma síntese, que também deve ser examinada em um processo que busca a verdade.

A República é um dos diálogos mais importantes do filósofo grego antigo Platão. É renomado por suas exposições detalhadas de justiça política e ética e sua descrição da organização do estado ideal. Platão empreende mostrar o que é justiça e por que é do interesse de cada pessoa ser justa. Embora o diálogo comece com a pergunta “Por que devo ser justo?”, Sócrates propõe que essa investigação possa ser avançada examinando a justiça “em grande escala” em um estado ideal. Segundo Platão, “Assim, a discussão política é realizada para auxiliar a ética” (PLATÃO, 2018). Nascido em Atenas no ano de 427 a.C., Platão desde a sua infância esteve envolvido com a política. Fazia parte de uma família nobre e recebeu uma educação clássica como todos os jovens atenienses de sua época. Aos 20 anos tornou-se discípulo de Sócrates e nessa época começou a questionar a educação e o modo de vida a que foi submetido. Platão fundou sua academia em 387 a.C., aos 41 anos de idade, após retornar a Atenas de sua primeira viagem ao sul da Itália.

De acordo com Platão, a democracia não é capaz de garantir a isonomia e a igualdade de direitos dos cidadãos, por isso sua filosofia aborda a política com relação à democracia ateniense, assumindo uma postura negativa, pois o governo democrático põe em risco a instituição e a moral. Para Platão, a melhor forma de governo era a aristocracia que seria por meio da dialética. A dialética é um método de diálogo que envolve a discussão de ideias opostas para chegar à verdade. Platão usou a dialética em seus diálogos filosóficos para explorar questões complexas e chegar a conclusões lógicas. A dialética é um elemento importante da filosofia de Platão e foi usada como uma ferramenta para ensinar seus alunos a pensar criticamente e chegar à verdade por meio do diálogo e do questionamento. Platão herdou a

prática de questionar, responder e compreender a partir de discussões que conduziram várias reflexões. Todos esses métodos foram assimilados em método dialético, utilizando-se do comportamento pedagógico e moral de Sócrates. Em suas obras estão presentes os diálogos de Sócrates assumindo o papel principal, convidando os participantes dos diálogos a refletirem sobre muitos conhecimentos.

A dialética é a técnica que liberta o homem dos sentidos e que, através da razão, o faz avançar em direção ao bem. Ela é um instrumento do conhecimento do bem que abre os olhos do espírito e lhe permite atingir a verdade, refutando opiniões mal fundadas, pondo-as em discussão, amparado pela inteligência e não pelos sentidos. (LAZARINI, 2008, p. 53)

O método dialético usado por Platão direciona o locutor a descobrir a verdade, desse modo, o indivíduo tem consciência de si mesmo. Platão sempre direcionava os diálogos com perfeição para que atingisse ao sentido essencial daquilo que era argumentado. Era considerado, o diálogo uma instrução de natureza educativa. Na Academia de Platão, mestres e discípulos praticavam o diálogo para aperfeiçoarem seu pensamento, semeando a liberdade destes diálogos para alcançar a verdade. Platão acreditava em uma filosofia que estimulasse o desejo de conhecer e reproduzir sobre a vida social e a prática.

Assim sendo, transformando os diálogos em momentos de sabedoria para todos que deles usufruem. O interesse de Platão pela filosofia foi desde cedo e, mediante alguns relatos, foi motivado por Heráclito de Éfeso. No percurso de sua juventude, estudou o pensamento pré-socrático, mas o encontro com Sócrates representou o ápice de seu aprendizado. Platão fundou uma Escola onde surgiram vários intelectuais na Grécia, sendo um deles Aristóteles. A filosofia platônica tentava explicar problemas sobre o conhecimento e sua origem sobre as ideias.

A Alegoria da Caverna, com suas metáforas, remete de modo constante ao mundo inteligível, da contemplação, da luminosidade. A dialética ascendente pode conduzir a alma ao bem, à verdade divina e eterna. A visão do verdadeiro filósofo em Platão é um ato espiritual, uma conversão. A alegoria descreve o estado político e pedagógico dos homens comuns e o estado superior ou divino do filósofo enquanto político e educador. (PAVIANI, 2005, p. 07)

A alegoria é uma forma de metáfora estendida na qual objetos, pessoas e ações em uma narrativa são usados para transmitir verdades ou mensagens mais amplas. A alegoria é usada

para ilustrar ideias abstratas ou complexas de maneira mais concreta e acessível. Platão usou alegorias em seus diálogos filosóficos para transmitir conceitos filosóficos de maneira mais clara e compreensível. Um exemplo famoso é a *Alegoria da Caverna*, na qual Platão usa a imagem de prisioneiros em uma caverna para ilustrar sua teoria das formas e a natureza da realidade. Os mitos são histórias tradicionais que geralmente explicam a origem do mundo ou de um povo e geralmente envolvem deuses e heróis e são transmitidos de geração em geração. Embora os mitos possam conter elementos alegóricos, eles são diferentes das alegorias em sua intenção e propósito. Ou seja, enquanto os mitos são histórias que explicam a origem do mundo ou de um povo, as alegorias são histórias que têm um significado simbólico mais profundo e são utilizadas numa circunstância específica, para um fim específico. Dessa forma, na filosofia do diálogo de Platão, vê-se a presença de vários mitos em suas obras, os quais o ajudaram a chegar a determinadas verdades. Platão inspirava-se em Sócrates por ser justo e sábio e utilizou seus ensinamentos para atingir a investigação racional e compreender o conhecimento sobre o mundo, a natureza humana e também praticar esse conhecimento para a primazia da vida humana.

Platão acreditava que a opinião (doxa) é uma forma inferior de conhecimento baseada em crenças e percepções sensoriais. Platão opõe a doxa à episteme, que é uma forma superior de conhecimento baseada na razão e na compreensão das formas ou ideias eternas. Para Platão, a episteme é a única forma verdadeira de conhecimento, enquanto a doxa é sujeita a erros e enganos. Além disso, Platão dedicou-se acerca de seus diálogos dos mais variados temas, nos quais manifesta-se a figura de Sócrates, indagando outros intelectuais e cidadãos para proporcionar respostas que determinassem as coisas e fenômenos, fundando assim sua ação numa prática de maiêutica, de tal modo que determinadas respostas fossem consideradas frutos de pessoas gestantes de conceitos, sendo acudidas a parir seus conhecimentos.

A teoria das ideias de Platão é uma das mais importantes da filosofia ocidental. O pensamento de Platão faz parte da nossa cultura e civilização e é importante para compreendermos inúmeros questionamentos relacionados a educação, política, moral, religião, entre outros.

A teoria das Ideias e o dualismo ontológico atingem a própria filosofia como prática [...] Platão dá a própria filosofia um caráter descontínuo, tanto na sua essência como no seu conteúdo. [...] um exercício que por sua própria natureza, se separa de toda outra forma de atividade. (ROGUE, 2005, p. 86)

Entendemos que a filosofia é uma ciência que se reinventa constantemente, mas a leitura dos antigos filósofos continua sendo inevitável. Estudar textos e repensar as questões de filósofos como Platão é fascinante. Até os dias atuais, o pensamento de Platão desafia seus pesquisadores, pois obtemos várias interpretações de suas obras em especial no que se refere à educação e sua importância para a construção da cidadania e de uma sociedade democrática. É importante nos inclinarmos sobre seus ensinamentos para procurarmos respostas para algumas questões no contexto educacional relacionada à contextualização histórica e ao contexto contemporâneo

Seção 1 – Alegoria e Mito: compreendendo a Filosofia de Platão

“Mito e Alegoria” é um tema muito interessante e importante na filosofia de Platão. Ele usava mitos e alegorias para explicar suas ideias e conceitos filosóficos de uma forma mais acessível e compreensível. A alegoria da caverna é um exemplo clássico disso. Platão usou essa alegoria para explicar sua teoria das formas ou ideias eternas. A Alegoria representa a jornada do homem em busca da verdade e do conhecimento. A alegoria mostra como as pessoas são enganadas pelas sombras na parede da caverna e como elas precisam sair da caverna para ver a luz do sol e descobrir a verdadeira natureza das coisas.

Ao falar sobre a importância da *Alegoria da Caverna* para o ensino de filosofia, é importante compreender que o estudo da Alegoria expõe como são vistos todos os estágios para o processo de formação e educação do filósofo. Já o Mito é uma representação fantasiosa criada pelo homem para explicar fenômenos da natureza e da vida. É uma maneira de expressar verdades através de histórias imaginárias e são considerados verdadeiros em uma cultura específica, formando um sistema de lendas e histórias.

Existem muitos exemplos de mitos em diferentes culturas, incluindo mitos gregos como o cavalo de Tróia e o mito de Jason e os Argonautas. No Brasil, existem lendas populares como a lenda do Curupira, que é uma criatura que guarda a floresta, e a lenda da Iara, que é uma sereia que seduz os homens. Existem muitos mitos gregos famosos, incluindo o mito de Narciso, que se apaixonou por sua própria imagem; o mito da Medusa, que transformava em pedra quem olhasse nos olhos dela; e o mito de Pandora e sua caixa, que continha todos os males do mundo.

Outros mitos conhecidos incluem o mito de Cronos, que devora seus filhos; o mito de Prometeu, que roubou o fogo dos deuses para dar aos humanos; e o mito de Aquiles, um herói com uma única fraqueza em seu calcanhar.

Portanto, o mito e alegoria são consideráveis neste processo de formação do indivíduo para compreendermos que bem antes da Alegoria ser citada no *Livro VII da República*, Platão já havia escrito um diálogo entre Sócrates e Glauco a priori das características de quem seria futuramente o sujeito da caverna.

Platão nos apresenta características de um filósofo que pode ser apto em alcançar a Filosofia e governar a cidade.

Visto serem filósofos os que põem alcançar o conhecimento do ser imutável, enquanto os que não podem fazê-lo, errando na multiplicidade dos objetos cambiantes, não são filósofos, que devem ser tomados por chefes da cidade? – O que dizer para uma resposta apropriada? – Os que parecerem capazes de velar pelas leis e instituições da cidade são os que devemos estabelecer como guardiães (PLATÃO, 2018, p. 223)

Esses filósofos são de natureza incorruptível e amam a sabedoria. A sabedoria futuramente encontra-se fora da caverna, contudo não só apenas quando o filósofo consegue desprender-se das correntes que o aprisionam em uma prisão ausente de saberes.

O filósofo é possuidor de todas as virtudes e como referencial temos o filósofo Sócrates, como um dos maiores exemplos que podemos ter do resultado daquele homem que retornou à caverna instigado pelo saber com a finalidade de libertar-se da falta de entendimento que se formavam nos jovens. Por isso, foi acusado e condenado por corromper os corações dos jovens.

Afirmo que a vocês, varões (aos que me mataram), um castigo há de chegar logo depois da minha morte – muito pior, por Zeus, que aquele com que vocês me mataram. Porque vocês fizeram isso pensando que haveriam de se livrar de ter de submeter suas vidas à refutação, mas vai se passar com vocês inteiramente o contrário, conforme eu mesmo afirmo: serão mais numerosos os seus refutadores, aos quais eu continha, sem que vocês percebessem. E serão tanto mais duros quanto mais jovens forem, e vocês ficarão mais abalados ainda. Pois se vocês pensam que, matando homens, haverão de impedir que alguém os repreve por não viverem corretamente, não raciocinam corretamente; é que esse livramento não é de todo possível nem belo, mas aquilo sim é belíssimo e fácilimo: não podar os outros, mas se equipar para ser o melhor possível! (PLATÃO, 2013, p. 37)

Sócrates ao retornar à caverna e suportar as retaliações sobre essa nova visão de mundo, uma outra realidade, de tudo que possa estar sujeito a passar, como descrito na narrativa da Alegoria, associamos a vida dos filósofos por pensarem diferente dos outros. Os filósofos estão fadados a serem vistos como loucos na tentativa de abrir os olhos daqueles que não saíram da caverna. E apesar de todas as dificuldades para alcançarem a ciência do mundo, o filósofo deve sim sair e também abandonar a caverna, posto que seu sentido é resultado da falta de saber ou melhor significa ignorância em não ir em direção à luz dos saberes.

Para Platão, a ideia do bem é tão importante que só quando o filósofo alcança esse bem ele estará no inteligível fora da caverna e só assim será capaz de governar a cidade. É importante ressaltar que Platão não defende que todos os homens possam ser filósofos e governantes. Ele defende que somente aqueles que possuem as características necessárias para serem filósofos e governantes devem governar a cidade. “E inclino-me para esta última opinião, porquanto me ouviste amiúde dizer que a ideia do bem é o mais alto dos conhecimentos, aquele do qual a justiça e as outras virtudes tiram sua utilidade e as suas vantagens” (PLATÃO, 2018, p. 252).

Em uma conversa narrada no *Livro VI*, entre Sócrates e Glauco, onde discutiam a respeito do bem, sendo que Glauco pede a Sócrates que ele exponha o que lhe parece ser o bem, e Sócrates diz que lhe parece ser o filho do bem o sol, surge então a Metáfora do Sol. A metáfora mostra como as pessoas são enganadas pelas sombras na parede da caverna e como elas precisam sair da caverna para ver a luz do sol e descobrir a verdadeira natureza das coisas.

A metáfora do sol é uma metáfora da verdade. Assim como o sol ilumina o mundo físico e nos permite ver as coisas como elas realmente são, a verdade ilumina o mundo intelectual e nos permite ver as coisas como elas realmente são.

Saiba, portanto, que é a ele que eu chamo de filho do bem, que o bem engendrou semelhante a si mesmo. O que o bem é no domínio do inteligível com referência ao pensamento e as coisas percebidas pelo pensamento, o sol o é no domínio do visível com referência à vista e as coisas vistas. (PLATÃO, 2018, p. 256)

O sol que se mostra no mito como um feixe de luz direcionado ao homem que está fora da caverna é o que faz com que o filósofo tenha uma nova visão de mundo. A luz do sol representa a verdade e o conhecimento. Assim como o sol ilumina o mundo físico e nos permite ver as coisas como elas realmente são. A metáfora mostra como as pessoas são enganadas pelas

sombras na parede da caverna e como elas precisam sair da caverna para ver a luz do sol e descobrir a verdadeira natureza das coisas. “Mas quando os voltamos para objetos iluminados pelo sol, enxergam distintamente e mostram ser dotados de visão nítida” (PLATÃO, 2018, p. 257).

Para Platão, a visão é a essência que une o saber ao mundo visível que se mostra no sol, fazendo-o enxergar pouco as coisas sem entendimento dos objetos, que se aduz ter uma visão direcionada para as sombras. Assim é a alma do filósofo, sempre conectada à luz do saber que salienta a veracidade. A linha do conhecimento que surge separa-se do mundo visível e do mundo inteligível, a obscuridade que vive na caverna e as sombras são afamadas por realidade e todas as outras imagens alusivas ao interior da caverna fazem parte do mundo sensível insigne por realidade. Do feixe de luz que adentra na caverna representa o mundo fora da caverna, da realidade que não existia e essa luz é parte do mundo fora da caverna e da realidade que é iluminada pelo sol que firmam o mundo inteligível.

Segundo Rogue 2005, todo esse caminho percorrido até aqui pelo homem se dá ao preparo que lhe foi dado segundo a educação apropriada para alcançar a ciência do bem como a Geometria, a Música e a Ginástica. Dito isto, ao sair da caverna, os olhos prisioneiros diante dessa luz sentirão dor e tudo será revelado pela realidade, mas é necessário conhecer primeiro esse mundo com cuidado para que assim ao olhar diretamente para o sol possa-se contemplar o bem.

Todo esse caminho para se atingir o conhecimento ou a ciência do bem é demonstrado por meio de duas metáforas associadas à linha do conhecimento: o Mito da Caverna e a Metáfora do sol como um conhecimento das essências de forma direta e imediata e são necessários que tais caminhos sejam percorridos várias etapas e cada uma dessas etapas alcancem seu significado.

[...] e, nessa mesma obra, expõe seu pensamento a respeito do mundo das ideias, valendo-se de três mitos: o mito do sol, o mito da linha e o mito da caverna. Aparentemente, não seria uma contradição, ou mesmo uma falta de inteligência do filósofo da caverna? (TEIXEIRA, 1999, p. 61)

Embora o mito tenha o poder de encantar e cativar seus ouvintes, esse papel é originalmente da poesia. Filósofos anteriores a Platão descartaram o mito como algo sem valor, enquanto sofistas e pensadores tentavam encontrar um sentido oculto por trás dele. E por que

Platão retomou o mito como uma forma de pensar a filosofia? Porque Platão acreditava que os mitos eram apropriados para a infância da humanidade, quando a razão ainda estava se desenvolvendo. Depois desse ponto, eles se tornaram obsoletos. Platão via os mitos como alegóricos e acreditava que eles continham um verdadeiro significado filosófico. Ele não via o mito platônico como uma criação inteiramente artificial, mas sim como uma resposta à mitologia grega tradicional. Por exemplo, a relação entre os conceitos de escuridão e ignorância; luz e conhecimento; e, mais importante, a distinção entre aparência e realidade, que é fundamental para sua teoria do Mundo das Ideias. Outro exemplo é o mito dos Andróginos, narrado por Aristófanes.

Platão optou por não tornar o mito apenas uma interpretação alegórica, porque as crianças não são capazes de distinguir o que é do que não é alegórico. A diferença entre mitos e logos (é parte do discurso que revela a realidade e nos permite dar sentido aos objetos do mundo), está na forma de entendimento da realidade. No entanto, posso dizer que Platão frequentemente usava mitos e alegorias em seu discurso filosófico. Ele usava tanto mitos tradicionais quanto mitos que ele inventou para transmitir ideias filosóficas aos seus leitores. Um mito é uma história tradicional que incorpora uma crença sobre algum fato ou fenômeno da experiência. Por outro lado, uma alegoria é uma representação de princípios abstratos por personagens ou figuras.

Na metáfora da A alegoria da caverna, as correntes representam o senso comum e a opinião (os pré-conceitos) que aprisionam os indivíduos e os impedem de buscar o conhecimento e a verdade. A alegoria descreve o estado político e pedagógico dos homens comuns e o estado superior ou divino do filósofo enquanto político e educador. A dialética ascendente pode conduzir a alma ao bem, à verdade divina e eterna. A visão do verdadeiro filósofo em Platão é um ato espiritual, uma conversão.

O mundo descrito na alegoria da caverna é dividido em dois: o mundo sensível e o mundo inteligível. No mundo sensível, encontramos as sombras que são tidas como realidades dos objetos sensíveis, da opinião formadora da verdade e das crenças. É nesse mundo que ocorre a caminhada da formação do filósofo. Quando ocorre a ruptura das correntes e o filósofo liberta-se da caverna, ele é apresentado ao mundo inteligível, o mundo das ideias. Nesse mundo, o estudo se dá pelos objetos matemáticos e pela presença da dialética como ciência para se alcançar o bem.

A alegoria da caverna é uma metáfora de intenção filósofo-pedagógica e pode ser encontrada na obra intitulada *A República* e pretende exemplificar como o ser humano pode se libertar da condição de escuridão que o aprisiona por meio da luz da verdade. Nessa alegoria, Platão descreve que alguns homens, desde a infância, geração após geração, se encontram aprisionados em uma caverna. Nesse lugar, não conseguem se mover em virtude das correntes que os mantêm imobilizados. Virados de costas para a entrada da caverna, veem apenas o seu fundo.

E se o arrancassem dali a força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até a luz do sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois chegar a luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos ser os verdadeiros objetos? [...] Precisava se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. [...] Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer lugar, mas a ele mesmo, no seu lugar. (PLATÃO, 2014, p. 263-264)

A passagem também sugere que essa alegoria representa o problema da educação. A intenção de Platão é apresentar esse problema por meio dessa alegoria. O processo de adaptação que alguém deve passar para ver a verdadeira realidade é semelhante ao processo que um filósofo deve passar para pensar criticamente. O filósofo deve superar obstáculos e dificuldades para pensar criticamente e ver as coisas como elas realmente são. A imagem da caverna na filosofia representa o processo educacional que visa nos tirar do mundo da opinião e nos colocar em contato com o mundo da verdade.

O processo educativo, portanto, começa no interior da caverna, mas seu objetivo é maior. Não basta contentar-se em ver os objetos através da luz do fogo, e, sim, contemplá-los a luz do sol. Sair da caverna será, portanto, um imperativo inevitável. Não é um processo fácil. Tanto a experiência dentro da caverna quanto a saída dela implica perdas, momentos de dúvidas, incerteza, sacrifícios. (TEIXEIRA, 1999, p. 65)

Stella, 2011 considera que essa imagem de um caminho referido por Platão é exatamente a Filosofia, ou melhor, a Filosofia aparece associada à imagem de libertação ou caminho para a libertação. A Alegoria da Caverna de Platão é uma metáfora que pode ser usada como uma introdução significativa à filosofia para estudantes do ensino médio porque ilustra de maneira clara e acessível conceitos filosóficos importantes, como a distinção entre aparência e realidade e a busca pelo conhecimento verdadeiro. É verdade que o conceito de mito não é estabelecido de maneira clara e incontestável e pode variar de autor para autor.

No entanto, isso não impede que a Alegoria da Caverna seja usada como um instrumento eficaz para introduzir estudantes à filosofia. Embora existam muitas definições divergentes de conceitos relacionados ao mito, é possível encontrar aspectos em comum entre elas que podem ser explorados.

A caverna platônica é a imagem do caminho que conduz desde a opinião (*doxa*) até à verdade (*aletheia*) através de uma série de graus intermediários: noutras palavras, é uma representação da aprendizagem da filosofia e também uma alegoria gnosiológica que retrata imaginativamente o grande problema teórico dos fundamentos do conhecimento. (STELLA, 2011, p.33-34)

O texto fala sobre a vontade de tratar do ensino de Filosofia, e de como seu estudo pode ser relacionado à Alegoria da Caverna como um instrumento de referência. Pode-se perceber que algumas interpretações podem ser livremente associadas ao mito em como aquela que expressa sua riqueza na função social e educativa ao interpretá-la.

Hesíodo (1991), em “Os Trabalhos e os Dias”, descreve os benefícios de se manter regrado pela Justiça, ele também fala sobre os perigos inevitáveis pelos quais andam aqueles que decidem se desviar do caminho da Justiça. Com esses trechos, Hesíodo prepara sua audiência para o material que vai apresentar e tece a origem ancestral das verdades incontestáveis que contará a seu irmão. Ele também menciona que entender como se processa o Pensamento Mítico implica em mergulhar em um mundo muito diferente do nosso, não apenas pela distância temporal e pelas diferenças de cenário, mas também pela distância na organização do próprio pensamento. O Pensamento Mítico é uma maneira de entender a realidade através do uso de simbolismo, baseado nas crenças e valores da época, ou seja, da situação em que ocorre. É considerado o ancestral do pensamento filosófico e científico. O mito, colocando-se acima da realidade mundana, nos traz verdades que transcendem a experiência cotidiana e a esclarecem.

Seção 2 – A importância do processo dialético na educação

Segundo Platão, o conhecimento verdadeiro só pode ser alcançado através da razão e não pelos sentidos. A dialética é a técnica que permite ao filósofo alcançar esse conhecimento

verdadeiro, partindo do mundo sensível e chegando ao mundo inteligível, onde se encontram as ideias perfeitas e imutáveis.

A dialética é a arte de pensar e questionar ideias para alcançar a verdade. Ele propõe que o senso comum e a opinião sejam questionados para descobrir a verdade sem interferência externa. O trabalho de Platão envolve a função pedagógica e política quando o assunto é o conhecimento. Sendo a dialética é o exercício do diálogo entre duas partes, por meio do qual se busca chegar à verdade sobre algum assunto discutido. Para Platão, diálogo é sinônimo de dialética e tem sua origem na dialética socrática. Ele confiou ao diálogo a expressão e transmissão de sua filosofia e define a dialética como a arte de pensar, questionar e hierarquizar ideias.

A trajetória da dialética tem como objetivo levar do sensível ao inteligível, passar do plano físico ao metafísico, aproximar a multiplicidade do sensível a unidade do inteligível. Uno e múltiplo se fundem e se juntam na síntese, possibilitando a unidade na multiplicidade. O que busca a dialética é chegar à contemplação das ideias supremas, ou seja, à abstração última da unidade absoluta. De todas as ideias, a mais especial é a ideia do bem. (TEIXEIRA, 1999, p. 46)

Platão argumenta que as coisas que vemos no mundo físico são apenas sombras ou cópias imperfeitas das formas verdadeiras ou ideias que existem em um mundo não físico e imutável. Por exemplo, a cadeira que vemos no mundo físico é apenas uma cópia imperfeita da forma verdadeira ou ideia de cadeira que existe em um mundo não físico e imutável.

Essa forma verdadeira ou ideia de cadeira é perfeita e eterna e não pode ser vista ou tocada no mundo físico. Platão aduz que o conhecimento verdadeiro só pode ser alcançado por meio do pensamento e da razão, e não pelos sentidos. Ele acredita que as coisas que vemos no mundo físico são apenas aparências enganosas e que a verdadeira realidade só pode ser encontrada no mundo das formas ou ideias.

Estão lá desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no género dos tapumes que os homens dos “Robertos” colocam diante do público, para mostrarem suas habilidades por cima deles. (PLATÃO, 2018, p. 263)

Platão usa esta alegoria para mostrar como a educação pode ajudar as pessoas a entender o mundo além de seus sentidos. Platão mostra sua visão sobre educação e conhecimento tanto dentro quanto fora da caverna. Ele mostra que há uma realidade sensível e uma realidade inteligível. A imagem da caverna ilustra uma realidade visível e mutável na dimensão sensível com a escuridão representando a ignorância do prisioneiro, mas também pode ser entendida como uma privação da verdade.

A primeira parte do texto descreve como os prisioneiros na *Alegoria da Caverna* de Platão têm uma compreensão ilusória da realidade porque só veem sombras de objetos físicos projetados na parede da caverna. A segunda parte é uma citação da escrita de Platão onde ele descreve pessoas carregando vários objetos ao longo de um muro em frente aos prisioneiros. Algumas dessas pessoas estão falando enquanto outras estão caladas. Os prisioneiros só podem ver as sombras desses objetos e pessoas e ouvir suas vozes, o que reforça ainda mais sua falsa compreensão da realidade.

Por detrás desta parede passa gente carregada de vários objetos e figuras de madeira e de pedra, algumas vezes em silêncio e outras falando. Estes objetos são mais altos que o muro e o fogo projeta-lhes a sombra na parede interior da gruta. Os prisioneiros, que não podem voltar a cabeça para a saída da gruta e que, portanto nunca viram senão as sombras durante a vida inteira, é natural que as considerem como a realidade, e quando, ao vê-las passar, ouvem o eco das vozes dos portadores, julgam ouvir a linguagem das sombras. (JAEGER, 1995, p. 883)

Platão usa esta alegoria para mostrar como as pessoas podem ser limitadas em sua compreensão da realidade se elas só confiam em seus sentidos e não usam a razão.

A condição dos prisioneiros que só conseguem enxergar as sombras dos objetos projetadas na parede do fundo da caverna é semelhante à nossa, prisioneiros que somos de nosso corpo e de nossos sentidos. Nossa alma aspira ao mundo das ideias, mas nossos sentidos nos dificultam chegar a ele. Na verdade, os impulsos da alma estão como que imobilizados pela certeza de que a realidade não é outra coisa senão a que nos apresentam os sentidos, e pela ilusão de que a felicidade e o bem se reduzem aos prazeres sensíveis. (LAZARINI, 2008, p. 44)

De certo modo, a caverna é assim como nós, habituados a um tipo de um discurso e opiniões; estando os prisioneiros acostumados com as sombras, com a escuridão e o

deslumbramento que essas imagens reproduzem em nós, permanecemos na ignorância de tal modo que em vez de argumentar se uma imagem é ou não verdadeira, terminamos, em muitas das vezes, por acreditarmos que o discurso e as aparências são uma realidade verdadeira. A imagem da caverna representa a nós mesmos, pois também somos dominados pelas aparências e pelos sentidos.

Com isso, percebe-se que o plano sensível, mencionado por Platão, além de ser fonte de engano, nos torna prisioneiros das opiniões por julgarmos serem verdadeiras. Verificamos que a imagem da caverna está entrelaçada com a imagem do sol e da linha dividida em seus segmentos e níveis de realidades.

Por fim, tal como a Linha, apesar de sua continuidade, acentuava divisões e cortes, porque ela servia essencialmente para distinguir modos de conhecimentos, assim também a caverna só nos apresenta transições, passagens e o que dela resulta. Estes movimentos são os próprios movimentos da alma que recebe um determinado tipo de educação, que sai da sua ignorância. (DIXSAUT, 2000, p.112)

Platão usa a linha dividida para ilustrar a relação entre o mundo sensível e o mundo inteligível, dividida em quatro segmentos, que representam quatro estados da alma e quatro níveis de realidade. O primeiro segmento é o da *eikasia* (ilusão), que corresponde ao primeiro estado da alma e à seção da imaginação. O segundo segmento é o da *pistis* (crença), que corresponde ao segundo estado da alma e à seção da crença ou opinião. O terceiro segmento é o da *dianoia* (pensamento), que corresponde ao terceiro estado da alma e à seção do raciocínio ou pensamento discursivo. O quarto e último segmento é o da *noesis* (intuição), que corresponde ao quarto estado da alma e à seção da inteligência ou compreensão.

A sua própria ignorância, as suas paixões, os seus receios e os seus preconceitos. A ignorância é uma espécie de doença que, no entanto, é a nossa condição comum. Esta doença não é “natural” mais é-nos imposta desde a infância. Além do mais, não é um estado próprio de um prisioneiro isolado, mas sim do conjunto, da comunidade que eles constituem. (DIXSAUT, 2000, p.114)

Platão procura demonstrar através dessa alegoria a importância de uma educação com base nas ciências matemáticas que conduz o humano a um conhecimento verdadeiro, pois é através do conhecimento matemático que se pode alcançar o conhecimento verdadeiro e se

libertar das sombras da ignorância. A realidade sensível é a dimensão do sol, das coisas visíveis, aquela onde se encontram os prisioneiros e corresponde à percepção, através dos sentidos, constituindo uma realidade que pode não ser verdadeira e apresenta apenas um conhecimento superficial. Já a realidade inteligível corresponde à dimensão da verdade acerca de algo, de um conhecimento por intermédio da razão que eleva a alma às ideias imutáveis.

Platão sugere que alguns prisioneiros sejam libertados da dimensão sensível para que ocorra a independência deles e descubram a realidade inteligível. Quando um prisioneiro é solto e forçado a olhar para a luz, ele sente dor e é deslumbrado pela luz, o que o impede de fixar os objetos cujas sombras via outrora. Esse momento de saída da caverna do prisioneiro é doloroso, pois ele precisa se habituar com a luz do sol, que o cega momentaneamente. Após se acostumar com a luz fora da caverna, o prisioneiro percebe que os objetos apresentam outra realidade.

Precisaria ir se acostumando, à força de tempo, antes de estar em condições de contemplar o mundo da luz. A princípio, não poderia ver senão sombras, em seguida já conseguiria ver as imagens dos homens e das coisas refletidas na água, e só por fim estaria apto a ver diretamente as próprias coisas. Contemplaria depois o céu e as estrelas da noite e a sua luz, até que por fim se sentiria capaz de olhar o sol, não o seu reflexo nas águas ou em outros objetos, mas o próprio sol, em toda a sua pureza e no lugar que verdadeiramente ocupa (JAEGER, 1995, p. 884)

Após a saída da caverna, a alma se liberta das aparências para se iniciar ao conhecimento das ideias verdadeiras, elevando-se do sensível ao inteligível. Isso significa que o prisioneiro que se liberta da caverna e se acostuma com a luz do sol percebe que os objetos apresentam outra realidade e passa a ter acesso ao conhecimento das ideias verdadeiras.

A saída da caverna é “a subida da alma para o lugar inteligível”. Num primeiro tempo, ter-se-á uma imagem invertida do inteligível. O próprio Platão diz-nos (VII, 532c-d) que este primeiro momento fora da caverna corresponde à razão (*dianoia*). Aquele que saiu conhece repentinamente os reflexos, as imagens como imagens e serve-se disso para habituar o seu olhar, para poder, depois, atingir os objetos em si mesmos. (DIXSAUT, 2000, p. 120)

A atividade de libertação das aparências e saída da caverna representa a ascensão da alma, mas não basta sair da caverna e ver a luz, é preciso contemplar as formas e se acostumar a ver e separar os objetos do plano inferior ao do plano superior. Em cada etapa desse longo e

penoso percurso, a alma é forçada a atingir cada vez mais sua finalidade, que é alcançar a essência de todas as coisas.

Só aquele que chegou a ver o próprio sol verá os inteligíveis puros e nunca terá necessidade de imagens. A passagem, a mudança de lugar que até então era uma ascensão penosa e difícil, por fim torna-o feliz (516c). Chegado ao termo do inteligível, à inteligência dialética, compreende-se que o conhecimento seja bom e seja fonte de felicidade. Aqueles “que atingiram este ponto aspiram a permanecer nele”. (517d). (DIXSAUT, 2000, p. 122)

A filosofia de Platão é caracterizada por ideias como dialética, racionalismo, realismo e idealismo. Ele acreditava na existência de ideias universais, que são as formas ideais. Platão fundou a Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. A saída da caverna é a subida do prisioneiro em busca da luz, da verdade. Essa busca é bastante difícil, dolorosa e perturbadora, pois a luz causará o incomodo dificultando a visão de enxergar os objetos nesse plano.

Ele acredita que a educação deve começar na infância e que o conhecimento deve ser adquirido gradualmente, passando por todos os níveis de conhecimento até chegar ao campo do racional e da contemplação das ideias. Vimos que a Alegoria da Caverna trata sobre a condição do conhecimento humano. Aquele que tem a alma filosófica e está preso às sensações e ao domínio da opinião; busca a educação como forma de se libertar da ilusão dos sentidos.

Portanto o diálogo é fundamental na educação e deve ser um processo dialético, no qual o aluno é levado a questionar e refletir sobre as ideias apresentadas. Ele propõe que o senso comum e a opinião sejam questionados para descobrir a verdade sem interferência externa. Platão considerava a educação como a mais nobre das ciências e o ideal educacional como bem supremo da vida.

Seção 3 – O diálogo platônico: uma ferramenta essencial para o aprendizado

A filosofia é uma disciplina importante que ajuda a desenvolver habilidades críticas e reflexivas nos alunos. A inclusão da filosofia no ensino médio é uma conquista importante que foi alcançada graças à luta de vários docentes filósofos que tinham por objetivo lutar pela obrigatoriedade da disciplina de Filosofia e o seu retorno ao ensino médio. Ele nos ajuda a entender como as pessoas podem ser enganadas pelas aparências e como a educação pode ajudar

a libertá-las. É cada vez mais incontestável que a filosofia deve ser obrigatória nos currículos do ensino médio devido ao legado da tradição filosófica. A filosofia nos ajuda a refletir sobre questões fundamentais e a entender melhor o mundo.

A disciplina de Filosofia nos currículos escolares da educação básica brasileira, é sem dúvida, algo de maior relevância. A pertinência da obrigatoriedade, sobretudo no ensino médio, é cada vez mais inconteste. O legado deixado pela tradição filosófica que ainda se faz viva e ativa no mundo e em nosso país, por si mesmo, já justificaria essa necessidade (MAAMARI 2005, p. 415)

Já para Silvio Gallo (2007), muitas vezes há a necessidade de explicar por que a filosofia é uma disciplina importante a ser ensinada nas escolas e quais benefícios ela pode trazer aos alunos. A filosofia é uma disciplina que ajuda a desenvolver habilidades críticas e reflexivas nos alunos e a entender melhor o mundo em que vivemos.

Grande parte do empenho intelectual de muitos educadores e pesquisadores da área da Filosofia argumentaram a necessidade de que o ensino de Filosofia seja uma disciplina própria da natureza do conhecimento filosófico. “O legado deixado pela tradição filosófica que ainda se faz viva e ativa no mundo e em nosso país, por si mesmo, já justificaria essa necessidade” (MAAMARI, 2005, p. 415).

A concepção de Patrício (1996), que a filosofia é uma disciplina importante que deve ser ensinada em todas as escolas. A filosofia é um conhecimento universal e seu ensino é urgente. Sua criticidade deve integrar-se ao ensino das outras ciências sendo fundamental para uma boa educação.

Existem algumas teses que consideram a Filosofia como um conhecimento aberto e que não poderia ser considerada uma disciplina que ensina ensinamentos pré-estabelecidos. Além disso, pela falta de educadores graduados em filosofia, tal disciplina jamais poderia vir a ser atendida por profissionais da área. Contudo, tais argumentos como estes não foram considerados pelos movimentos sociais dos profissionais educadores.

Agora é importante discutir quais metodologias e instrumentos didáticos devem ser revistos para o ensino da filosofia brasileira. É importante inovar os métodos educacionais, sempre conservando práticas tradicionais com outra roupagem e interligando com as práticas inovadoras, como rodas de conversa, produção de textos reflexivos, utilização do data show para apresentar filmes, músicas e imagens, com vistas a melhorar o processo de aprendizagem.

De acordo com Severino (2011), a filosofia ajuda os jovens a entenderem seu lugar no mundo e suas relações com os outros. E na perspectiva de Souza:

Os que ensinam terão que ter consciência de que os que aprendem são, tal como eles próprios, seres sociais portadores de um mundo muito especial de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos lá fora e que importa contemplar. (SOUZA 1996, p. 4)

O que Souza nos demonstra é que os professores devem estar cientes de que seus alunos são seres sociais com um mundo muito especial de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora da escola e que é importante considerar isso ao ensinar.

De acordo com Hadot, os “textos filosóficos eram escritos com o objetivo de educar os alunos, não apenas sistematizar a realidade de maneira teórica. Eles eram usados por sua eficácia em auxiliar a memorização. Em outras palavras, os exercícios visavam desenvolver os alunos por serem adequados para fixar princípios filosóficos”. (HADOT, 2008, p. 265).

Segundo Tiago Lara (1989, p 114), “não há como pensar educação pessoal fora da realidade política formadora. Não há como pensar reforma social ou política senão através de uma ação educativa pessoal”. Em outras palavras, o projeto político de Platão não é apresentado principalmente através de questões políticas, mas sim através da ética e da educação orientada pela filosofia, que são essenciais para o desenvolvimento humano. Em outras palavras, Platão acreditava que a formação de uma sociedade justa e virtuosa dependia da educação ética e filosófica de seus cidadãos.

É sabido que a aprendizagem não depende só do educador, mas também da predisposição do educando para exercitar-se naquilo que poderíamos considerar como um modo de pensar por si próprio, desenvolvendo a reflexão filosófica. Esta abordagem única e sistemática do conhecimento filosófico visa entender a realidade, mas sem desconectar as ideias filosóficas do contexto cultural do indivíduo, pois dessa maneira torna-se mais instigante a compreensão e o envolvimento com os conceitos filosóficos.

Nesse sentido, esta seção discorre sobre a importância do diálogo platônico em sala de aula para ajudar os educandos a refletir sobre as casualidades e as dúvidas que surgirem, fazendo com que reflitam o meio ao qual vivem de uma outra forma. O diálogo platônico é um instrumento possível e essencial, pois ajuda o educando a refletir sobre as casualidades e as dúvidas que surgirem. Assim, ao descobrirem que a partir do saber e do diálogo desenvolvido

na sala de aula, a aprendizagem tornar-se-ia mais prazerosa e excitante, portando-as a deslindar que podem, a partir dos saberes, e ir além do que eles idealizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante notar que esta é apenas uma interpretação do conteúdo e pode haver outras maneiras de entendê-lo. A *Alegoria da Caverna* sugere que viver sem buscar a verdadeira natureza das coisas é como viver na escuridão, sem oportunidade de desenvolvimento. A alegoria é usada para ilustrar a ideia de que as pessoas podem estar presas em suas próprias crenças e ignorantes da verdadeira realidade.

Sócrates estabeleceu a analogia do sol para falar sobre os nossos sentidos, especialmente a faculdade da visão, na dimensão sensível, que permite ver as coisas visíveis se tiver o auxílio da luz, enquanto na dimensão inteligível as ideias são compreendidas pelo pensamento que objetiva conhecer a verdade. Após o entendimento das diferenças entre o que é sensível e o que é inteligível, o filósofo se liberta das aparências e procura o conhecimento das ideias verdadeiras, orientado pela razão e pela inteligência.

Sócrates estabelece distinções entre os tipos de discurso que a alma assume em face de diferentes objetos do conhecimento, e denomina de doxa (opinião), segmento que engloba as imagens advindas de reflexos, sombras e tudo o que opera a partir desta natureza. A segunda parte é denominada de conhecimento (episteme). Essas seções e segmentos são utilizadas para demonstrar os graus de realidades e obter a compreensão das coisas que se diferenciam de um segmento para outro, como no segmento da opinião que comporta verdade e não verdade, pois a alma não deixa de imaginar ou ter convicção. Platão utiliza as analogias do sol, da linha e na alegoria da caverna para ilustrar o processo de conhecimento das realidades sensíveis e inteligíveis.

O plano sensível mencionado por Platão nas analogias e na alegoria da caverna é o mundo das aparências, que é fonte de engano e nos torna prisioneiros das opiniões por julgarmos serem verdadeiras. Já o plano inteligível constitui a racionalidade e a imutabilidade da ideia que permite alcançar o bem. A alegoria da caverna é uma metáfora que representa a busca do conhecimento e da verdade, onde os prisioneiros representam as pessoas que vivem

na ignorância e as sombras projetadas na parede representam as opiniões que as pessoas têm sobre o mundo.

O conceito de Platão enfatiza a importância de expandir os limites da percepção para o progresso da sociedade. A *Alegoria da Caverna* pode ser usada como uma introdução ao ensino da filosofia, ilustrando como a expansão da percepção e compreensão da realidade é necessária para o progresso pessoal e social.

Através dos diálogos platônicos, é possível aprofundar o conhecimento filosófico e promover o desenvolvimento educacional. A *Alegoria da Caverna* pode ser usada em aulas para incentivar os educandos a nunca se contentarem com o conhecimento pré-formado e buscar sempre novos conhecimentos. A educação platônica pode ser vista como estágios pelos quais o indivíduo passa, enfrentando obstáculos para atingir o ideal do bem e compreender a relação entre o sensível e o inteligível. No final da jornada, o indivíduo colhe os frutos de seus esforços.

Propostas de reflexão filosófica no Ensino Médio devem ser realistas e confrontar-se com a realidade do indivíduo. O educador pode se instrumentalizar nessa nova forma natural de pensar através de exercícios intelectuais e leituras que chamem a atenção para a importância da construção do pensamento do indivíduo. O diálogo platônico é o meio principal nas aulas, dada sua importância para o corpo social contemporâneo e escolar.

Através do diálogo, o educador pode transformar e aperfeiçoar o conhecimento. Com novas práticas, espera-se que os educandos que não participam ativamente nas aulas possam começar a se envolver e refletir sobre a filosofia e outras disciplinas. Isso pode ajudá-los a compreender a importância do aprendizado na escola e aplicá-lo em seu contexto social. Ainda há muito a ser refletido sobre como as aulas de filosofia são realizadas, mas o pensamento de Platão pode ser aplicado na sala de aula para ensinar seus conceitos e ideias filosóficas. A filosofia de Platão foi comentada por muitos filósofos ao longo da história, incluindo Aristóteles, seu aluno, e Plotino, fundador do Neoplatonismo, uma escola de pensamento fortemente influenciada pelas ideias de Platão.

É importante para o educador saber trabalhar com textos clássicos extraídos de livros, pois a leitura enriquece a aprendizagem e o conhecimento em sala de aula. O texto da *Alegoria da Caverna* é amplamente utilizado no ensino de filosofia e outras áreas. Nessa alegoria, Platão apresenta uma discussão sobre conhecimento, ignorância e o papel da educação na criação do conhecimento. A *Alegoria da Caverna* é uma metáfora ampliada que representa não apenas indivíduos, mas também o ambiente social em que vivemos.

A educação é fundamental na criação do conhecimento, pois fornece aos indivíduos as ferramentas e habilidades necessárias para adquirir, processar e aplicar informações. Através da educação, os indivíduos aprendem a pensar criticamente, a analisar informações e a formular suas próprias opiniões. Além disso, a educação promove a curiosidade e o desejo de aprender, incentivando os indivíduos a buscar novas informações e expandir seus conhecimentos. A educação desempenha um papel crucial na criação do conhecimento ao fornecer aos indivíduos as habilidades e ferramentas necessárias para adquirir e aplicar informações de maneira eficaz.

O pensamento crítico é importante porque permite que os indivíduos avaliem informações de maneira objetiva e tomem decisões informadas. Ele envolve a análise cuidadosa de informações, a identificação de premissas e conclusões e a avaliação da validade de argumentos. O pensamento crítico também ajuda os indivíduos a identificar preconceitos e falácias e a evitar serem enganados por informações falsas ou enganosas. O pensamento crítico é uma habilidade valiosa que permite aos indivíduos avaliar informações de maneira objetiva e tomar decisões informadas.

Em resumo, a curiosidade natural é o desejo inato de aprender e explorar o mundo ao nosso redor, e é uma força motriz por trás do desenvolvimento humano. A curiosidade natural é, portanto, o desejo inato de aprender e explorar o mundo ao nosso redor. É uma característica humana fundamental que nos leva a buscar novas informações e experiências. A curiosidade natural nos motiva a fazer perguntas, experimentar e descobrir coisas novas. Ela é importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional e desempenha um papel crucial na aprendizagem e na criatividade.

Referências

DIXSAUT, M. **República (Livros VI e VII)**. Comentário de Monique Dixsaut. Traduzido por A. Maia da Rocha. Lisboa: Didáctica Editora, 2000.

GALLO, S. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade**. In: SILVEIRA, R.J.T.; GOTO, R (Org). Filosofia no ensino médio: Temas, problemas e propostas. São Paulo: Loyola, 2007.

GIOTTO, J.M.M.A. **Filosofia no Ensino Médio e as Interfaces da Legislação**. In: RIBAS, Maria Alice Coelho et al. *Filosofia e Ensino: A Filosofia na Escola*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2005.

HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga?** Tradução: Dion Davi Macedo. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução de Mary Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.

JAEGER, WERNER. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Trad. Artur. M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo. 1995.

LARA, Tiago Adão. **Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. (Coleção Caminhos da Razão).

LAZARINI, A. L. **Platão e a educação: um estudo do livro VII de “A República”**. ETD - Educação Temática Digital, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 316–317, 2008. DOI: 10.20396/etd.v8i2.671. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/671>. Acesso em: 6 dez. 2022.

MAAMARI, A. M. **A filosofia e o seu ensino na perspectiva da modernidade e da laicidade**. In: RIBAS, Maria Alice Coelho et al. *Filosofia e Ensino: A Filosofia na Escola*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2005.

PAVIANI, J. **O filósofo como homem divino em Platão**. Ano 10 / nº 15 – 2º sem. 2005 – São Paulo / p. 1-12

PLATÃO. **A República de Platão**. Obras I. Volume II. Livro VII. Tradução de J. GUINSBURG. 2ª reimpressão. SAO PAULO: Perspectiva, 2018.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates precedido de Êutifron (sobre a piedade) e seguindo de Crítón (sobre o dever)**. Introdução, tradução do grego e notas de André Malta. Porto Alegre, RS: Editora L&PM Pocket 2013.

ROGUE, C. **Compreender Platão**. Tradução de Jaime A. Clasen. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SEVERINO, A. J. **Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares**. Educação em Revista, Marília, v. 12, n. 1, p. 81 - 96, Jan./Jun. 2011.

SOUZA, J. C.; KUHNE, R. F. (Orgs.). **Os Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

STELLA, M. **A caverna platônica e o teatro da cidade**. In: *Anais de Filosofia Clássica*, vol. 5, n. 10, 2011.

TEIXEIRA, Evilázio, Francisco, Borges, Teixeira. **A educação do Homem Segundo Platão.**
– São Paulo: Paulus, 1999 – Coleção Filosofia.

Recebido em: **27 abr. 2023**

Aprovado em: **31 maio 2023**